

## Marcadores Discursivos no português falado em Angola, subvariedade Libolo: um estudo inicial de base prosódico-pragmática

*Discourse Markers in the Portuguese spoken in Angola,  
Libolo's subvariety: an initial prosodic-pragmatic basis study\**

Márcia Santos Duarte de Oliveira\*\*  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Maria de Lurdes Zanoli\*\*\*  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Giovana Merighi de Andrade\*\*\*\*  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

**Resumo:** Neste trabalho apresenta-se uma descrição e análise iniciais de 'Marcadores Discursivos' (MDs) do português falado no Libolo (PLB), uma subvariedade do português falado em Angola. Os dados selecionados para a análise são parte do acervo do *Projeto Libolo* e os dados selecionados do chamado *Corpus 1*, especificamente, integram um projeto de pesquisa de corpora orais para o estudo da fala espontânea chamado de *C-Oral-Angola* (em construção). O estudo de MDs no PLB é orientado pela teoria L-AcT que propõe que o fluxo da fala só pode ser propriamente analisado se for segmentado em enunciados (atos de fala) e unidades tonais (que correspondem a unidades de informação) que são

FLP20(esp)

---

\* As autoras deste trabalho, pesquisadoras do *Projeto Libolo*, agradecem a Heliana Mello (UFMG), Tommaso Raso (UFMG), Giulia Bossaglia (UFMG) e Bruno Rocha (UFPA) – pesquisadores do *C-Oral-Brasil* e do grupo de pesquisa LEEL/UFMG (e também parceiros do *Projeto Libolo*) – que as introduziram às questões teórico-metodológicas ligadas à análise que se apresenta neste estudo por meio de *workshops* realizados entre os grupos de pesquisa: GELIC/USP, LEEL/UFMG e *Projeto Libolo* em 2017 e 2018. Estendem seus agradecimentos ainda: (i) a Carlos Figueiredo (UMAC) por comentários pessoais sobre 'Marcadores Discursivos' (MDs) no português do Libolo e por todo o apoio oferecido durante os trabalhos de campo de Márcia Oliveira no Libolo/Angola em (2013), (2016), (2017) e (2018) extensivo a Giovana Merighi que esteve em trabalho de campo no Libolo em julho de 2018; (ii) a João Alberto A. Pereira pela atenção em 'traduzir' trechos da fala do 'filho do soba' (*corpus 1* deste trabalho). No entanto, as autoras ratificam ser de inteira responsabilidade a análise sobre MDs no português falado no Libolo que se apresenta neste trabalho e ainda os possíveis problemas ligados a ela.

Agradecem, ainda: (i) ao *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (CNPq) pela Bolsa de Produtividade (Processo: 306848/2018-0) da Prof<sup>a</sup>. Márcia Santos Duarte de Oliveira e pela bolsa PIBIC (2018/2019) de Iniciação Científica de Giovana Merighi de Andrade; (ii) à *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES), Código de Financiamento 001, pela bolsa de doutorado de Maria de Lurdes Zanoli.

\*\* Professora no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; marcia.oliveira@usp.br

\*\*\* Doutoranda em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; maluzanoli@yahoo.com.br

\*\*\*\* Graduanda em Letras, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; giovanamerighi@usp.br

guiados por parâmetros prosódicos. Dessa forma, é possível a identificação de MDs que correspondem a unidades de informação dialógica e que carregam funções diferentes por estarem submetidos a condições prosódicas distintas – ver, entre outros, Moneglia e Raso (2014, p. 469), Raso (2014, p. 411). Assim, neste trabalho, a partir de critérios prosódico-pragmáticos, são descritos e analisados os MDs *tás a ver*, *eh pa*, *ya* e *Júlia* que atestam as seguintes funções: ‘Conativa’ (CNT), ‘Expressiva’ (EXP), ‘Fática’ (PHA) e ‘Alocutiva’ (ALL). MDs ‘alocutivos’ pertencem à categoria chamada de ‘vocativos’, que não são analisados como MDs em estudos fora da L-AcT. No trabalho, a ocorrência do MD *ya* na fala do português de Angola, e especificamente na fala do Libolo, é creditada ao contato linguístico entre falantes de português angolano e falantes de alemão.

**Palavras-Chaves:** Marcadores discursivos. Análise prosódico-pragmática. Português falado em Angola. Subvariedade português do Libolo.

**Abstract:** In this paper we present an initial description and analysis of discursive markers (MDs) of Portuguese spoken in Libolo (PLB), a subvariety of Portuguese spoken in Angola. The data for the analysis are part of the *Libolo Project* collection and the data selected from the so-called *Corpus 1*, specifically, integrate an oral corpora research project for the study of spontaneous speech that is called *C-Oral-Angola* (under construction). The study of MDs in PLB is guided by the theory L-AcT that proposes that the flow of speech can only be properly analyzed if it is segmented into utterances (speech acts) and tonal units (that correspond to units of information) that are guided by prosodic parameters. In this way, it is possible to identify MDs that correspond to units of dialogic information and that carry different functions because they are subject to different prosodic conditions - see, among others, Moneglia e Raso (2014, p. 469), Raso (2014, p. 411). Thus, in this work, from the prosodic-pragmatic criteria, the MDs *tás a ver*, *eh pa*, *ya* and *Júlia* are described and analyzed, attesting to the following functions: ‘Conative’ (CNT), ‘Expressive’ (EXP), ‘Phatic’ (PHA) and ‘Allocutive’ (ALL). ‘Allocutive’ MD belong to the category called ‘vocatives’ which are not analyzed as MDs in studies outside of L-AcT. In the work, the occurrence of MD *ya* in the speech of the Portuguese of Angola, and specifically in the speech of Libolo, is credited to the linguistic contact between Angolan Portuguese speakers and German speakers.

**Keywords:** Discursive markers. Prosodic-pragmatic analysis. Portuguese spoken in Angola. Subvariety Libolo’s Portuguese.

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa que versa sobre ‘Marcadores Discursivos’ (MDs), baseamos-nos em corpus do português falado em Angola, subvariedade de português falado no Libolo. O corpus específico em que se centra o trabalho é parte de um novo e particular banco de dados do *Projeto Libolo*: o ‘corpus mínimo do Libolo’ – *C-Oral-Angola* – que está sendo construído em parceria com pesquisadores do *C-Oral-Brasil*.

Angola é um país plurilíngue localizado na região centro-sul africana. Entre os grupos etnolinguísticos de Angola, destacamos: os ambundos (que falam quimbundo), os ovimbundos (que falam umbundo), os bakongos (que falam quicongo), os herero (que falam herero), os chokwe (que falam chokwe). Neste

trabalho, a área linguística enfocada é a região de fala bilíngue quimbundo-português, localizada na Província do Kwanza Sul e especificamente no Município do Libolo<sup>1</sup>.

O Libolo, que é um município que se localiza à margem sul do rio Kwanza na Província do Kwanza Sul, é composto por quatro comunas administrativas (distritos): Calulo, Munenga, Cabuta e Quissongo. O município tem uma população de cerca de 87.244 habitantes que são, majoritariamente, ambundos que falam quimbundo e português L1/L2<sup>2</sup>. A região do Libolo, que encontra-se em confluência com regiões de falantes de outras variedades de quimbundo (kissama e kibala), insere-se na área linguística banta: zona H23, que é área de transição para a zona R10 (Gutherie, 1948; Lewis; Simons; Fennig, 2015). Segundo Figueiredo e Oliveira (2013, p. 118-119), a área linguística do Libolo conflui também com a área dos songos (um dos subgrupos do povo ovimbundo, que fala umbundo) – para detalhes sobre o município do Libolo, ver: Figueiredo e Oliveira (2013, p. 118-119); Figueiredo (2016, p. 49); entre outros.

A seguir, no mapa da figura 1, localizam-se: (i) o município do Libolo e sua posição geográfica no estado angolano; (ii) os países que fazem fronteira com Angola: Congo (Brazzaville), Congo Democrático (Kinchasa), Zâmbia, Botswana e Namíbia – área centro-sul africana:



Fonte: Figueiredo (2016, p. 20)

Figura 1: Município do Libolo.

O *Projeto Libolo* – em que o estudo apresentado neste trabalho encontra-se diretamente ligado – foi oficializado em 2013 por meio de viagem de campo ao Município do Libolo (Estado do Kwanza Sul, Angola) de dez pesquisadores

<sup>1</sup> A língua quimbundo é falada nas seguintes províncias de Angola: Bengo, Kwanza Norte, grande parte de Luanda, partes do Kwanza Sul e em partes do Malanje.

<sup>2</sup> Embora não centremos nosso estudo em apresentar possíveis ‘influências’ da língua quimbundo no português falado no Libolo, ou no português falado no Brasil, é importante dizer que o quimbundo não só é parte de um conjunto de mais de 40 línguas que foram introduzidas no Brasil colonial via o tráfico negreiro, mas trata-se ainda, segundo Bonvini (2008, p. 59), do ‘estágio primeiro e generalizado’ de uma língua africana falada no Brasil no século XVI (e possivelmente em parte do XVII). O quimbundo foi ‘gramaticizado’ por meio de uma gramática escrita fora de Angola, no Brasil (e publicada em Lisboa), pelo sacerdote jesuíta Pedro Dias. Trata-se da *Arte da língua de Angola*, datada de 1697 – ver Dias (1697[2006]). Para mais detalhes sobre a gramática de Dias (1697) e o quimbundo que foi falado no Brasil – ver Rosa (2013).

integrados ao projeto e de cinco pesquisadores colaboradores pontuais – ver Figueiredo e Oliveira (2016, p. 45)<sup>3</sup>. Este projeto entrou em sua segunda fase em 2018 e, neste ano, implementaram-se as ações de pesquisa para a organização do *C-Oral-Angola* que espelha-se nos projetos *C-Oral-Rom* e *C-Oral-Brasil* – ver respectivamente: Cresti e Moneglia (2005) e Raso e Mello (2012).

O *C-Oral-Brasil* (cuja orientação teórico-metodológica tem como objetivo maior o estudo do português brasileiro – centrado na manifestação da fala espontânea – por meio da compilação de um corpus de fala com arquitetura e critérios específicos – ver Raso e Mello (2012)<sup>4</sup>. O *C-Oral-Brasil*, na sua primeira fase, representa a diatopia mineira de fala informal – principalmente da região metropolitana de Belo Horizonte – relativa a contextos familiares/privados e públicos. Assim, no projeto *C-Oral-Brasil*, privilegia-se uma construção de corpus de fala orientada para a ‘linguística diassistêmica’ em que a(s) língua(s) é/são observada(s) não como sistema(s) unitário(s) mas como um grupo de sistemas e subsistemas – ver Mello (2014, p. 31-32); distinguem-se, portanto, as ‘variações’: diamésica, diatópica, diafásica e diastrática<sup>5</sup>. Heliana Mello e Tommaso Raso, coordenadores do *C-Oral-Brasil*, afirmam que a variação que se privilegia e que se busca representar estatisticamente no corpus é a variação diafásica por esta ser significativa na variação estrutural da fala. Assim, segundo Mello e Raso (2009, p. 22-23), a variação diafásica é:

a variação privilegiada na arquitetura em suas diversas ramificações: a divisão entre formal e informal; dentro do informal, a divisão entre contexto público e familiar/particular; dentro de cada contexto, a divisão em três tipologias interacionais diferentes: monólogo, diálogo e conversação; dentro de cada tipologia interacional, a máxima variação possível de situações comunicativas.

Importante ainda mencionar que os projetos *C-Oral-Rom* e *C-Oral-Brasil* orientam-se pela Teoria da Língua em Ato, que é sumarizada na seção 2 deste

<sup>3</sup> O projeto *Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, históricoculturais, antropológicos e sócio-identitários*, também conhecido como *Projeto Libolo*, é parcialmente financiado pela Universidade de Macau e por entidades privadas filantrópicas de Angola. Trata-se de um projeto internacional e multidisciplinar cujos pesquisadores intervêm, de forma articulada, em pesquisas nas áreas de Linguística, História, Antropologia, Filologia e Ações Pedagógicas. O *Projeto Libolo* está devidamente patenteado pelo Centro de Investigação e Desenvolvimento (R&DAO) da Universidade de Macau, sob o número de referência SRG011-FSH13-CGF, encontrando-se, desta forma, ao abrigo da vigente proteção de direitos autorais de propriedade intelectual designada por “Copyright © 2016, R&DAO University of Macau”.

<sup>4</sup> A compilação do corpus de fala do Projeto *C-Oral-Brasil*: “[...] segue a arquitetura e critérios observados pelo projeto *C-ORAL-ROM* (Cresti; Moneglia, p. 2005), constituindo-se assim como seu quinto braço, somando-se às quatro línguas românicas europeias que o compõem: espanhol, francês, italiano e português europeu.” – Mello, Carvalho e Côrtes (2010, p. 110). Logo, o *C-Oral-Angola* promete ser o ‘sexto braço’ do *C-Oral-Rom* e o primeiro do grupo orientado para uma língua falada na África.

<sup>5</sup> (i) *Variação diamésica* (a abordagem da variação que pretende designar a variável de meio e de canal como fatores que marcam a variação sociolinguística entre a fala e a escrita); (ii) *variação diatópica* (um corpus diatópico abarca diferentes variedades regionais de uma mesma língua); (iii) *variação diafásica* (a variação diafásica em uma dada língua pode ser atestada ainda por meio de diferentes ‘situações’ como os ‘registros formais’ que se diferem dos ‘registros informais’); (iv) *variação diastrática* (pelo tipo de variedade diastrática atestam-se variedades de falas de grupos sociais específicos).

trabalho. Como mencionado acima, o *C-Oral-Angola* (em construção) espelha-se na arquitetura e critérios específicos de compilação de corpus de fala espontânea delineados pelo *C-Oral-Brasil*. Assim, na seção 3 deste trabalho, apontam-se mais alguns detalhes sobre a ‘linguística diassistêmica’ que tem orientado a metodologia para a apreensão e organização do corpus de fala espontânea ‘português falado no Libolo’.

Como mencionado, no *Projeto Libolo*, busca-se a compilação de um corpus de fala espontânea com arquitetura e critérios específicos por meio dos esforços de pesquisadores ligados do projeto *C-Oral-Angola*. A implementação desse corpus (em andamento) já se mostra bastante eficiente em auxiliar os pesquisadores na tarefa de descrever e analisar fenômenos do português falado no Libolo (PLB) que encontra-se em contato direto com a língua quimbundo. Quanto ao PLB, é importante dizer que pesquisadores têm ratificado, a partir dessa subvariedade, que o português falado em Angola já possui identidade própria<sup>6</sup>. Assim, neste trabalho, objetiva-se contribuir com a ampliação da descrição e análise da subvariedade PLB por meio de um estudo inicial de MDs.

Este trabalho está dividido em três seções além desta introdutória e finaliza-se com uma seção dedicada às considerações finais, seguida das referências bibliográficas. Na seção dois, são resenhados alguns aspectos do referencial teórico que serve de orientação para o estudo de base prosódico-pragmática de um conjunto de MDs; na seção três, descrevem-se as questões metodológicas envolvendo o corpus da pesquisa; a seção quatro é dedicada à descrição e análises iniciais dos seguintes MDs no PLB: *tás a ver, eh pa, ya* e *Júlia*.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Raso (2014) – que é o trabalho que norteia o estudo acerca de ‘Marcadores Discursivos’ apresentado neste estudo – introduz um ponto de vista inovador no tratamento de MDs centrado na Teoria da Língua em Ato (L-AcT). Assim, nesta subseção, resumem-se alguns pontos centrais da L-AcT a fim de se ratificar a relevância dessa teoria, aliada à metodologia de corpus de fala, para os estudos sobre MDs.

### 2.1 A Teoria da Língua em Ato

Há certo consenso entre os pesquisadores de que MDs podem ser definidos como itens lexicais (e sintagmáticos) que: (i) não atestam significado semântico e morfossintático ‘originais’; (ii) não participam da semântica e sintaxe da enunciação; (iii) apresentam distribuição livre; (iv) recebem diferentes funções pragmáticas (textuais ou metatextuais) – Raso (2014, p. 412). Em Risso, Oliveira e Silva e Urbano (2015) – que é um estudo inserido dentro do arcabouço da Linguística Textual-

<sup>6</sup> Em Figueiredo e Oliveira (2013, p. 175), advoga-se a hipótese de “especificidade do português angolano”: “[...] confirmou-se um quadro de mudança consumada [...] que [...] concede evidências para que se reclame uma identidade própria [...]. Desta forma, sugere-se que, a exemplo do que vem acontecendo no Brasil, se olhe para a verdadeira identidade do português angolano e se passe a refletir as suas reais especificidades de uso [...]”

Interativa<sup>7</sup> com base em corpora do Projeto *Norma Urbana Culta* (NURC), essas características de MDs podem ser atestadas. No entanto, Raso (2014, p. 462, tradução nossa) aponta que, nesses estudos prévios,

[...] não há concordância acerca das funções ou números de MDs e não há concordância especialmente em como identificar MDs. Logo nenhuma solução é apresentada sobre como prever MDs e sobre como identificar suas funções específicas na literatura corrente.

Assim, Raso (2014, p. 462, tradução nossa) conclui que:

[...] esses conflitos não podem ser resolvidos dentro do paradigma tradicional pelo fato desses estudos não integrarem duas recentes e importantes aquisições dos estudos pragmáticos que devem ser considerados como primeiro nível na análise da fala: a teoria da ilocução e a análise da estrutura informacional.

Uma teoria sobre a ‘ilocução’ e a ‘estrutura informacional da fala’ é atestada no modelo Teoria da Língua em Ato, “... centrado em um longo período de observação e estudos de corpora de fala espontânea que proporcionou generalizações progressivas na organização da estrutura da fala”<sup>8</sup>. Questões teórico-metodológicas do modelo L-AcT – uma extensão da Teoria dos Atos de Fala proposta pelo filósofo inglês John L. Austin – Austin (1962) – foram apresentadas por Cresti (2000). Segundo Mello, Carvalho e Côrtes (2010, p. 110), na L-AcT, aponta-se

[...] o enunciado como a unidade linguística mínima que pode ser pragmaticamente interpretada, à qual necessariamente se associa uma ilocução. Por ilocução, entende-se uma das três partes do ato de fala austiniano, a qual diz respeito ao tipo de ação realizada através da língua (se asserção, se expressão, se direção, etc.) com o objetivo de atingir, de uma forma determinada, o interlocutor. As outras partes do ato de fala, a perlocução e a locução, também se manifestam em todo enunciado; a perlocução, por se referir à motivação mínima do falante a iniciar um ato de fala; a locução, pelo fato inerente a todo enunciado de ser dotado de conteúdo locutivo.

Ratifica-se, portanto, segundo a L-AcT, que: (i) o enunciado é a unidade mínima discursiva interpretada pragmaticamente<sup>9</sup>; (ii) o enunciado é a unidade de referência para os estudos da fala em que se levam em conta aspectos prosódicos e ilocucionários e não sintáticos. A sentença é considerada a unidade de referência da escrita já que esta não define satisfatoriamente fenômenos típicos da fala<sup>10</sup> – para detalhes, ver, entre outros, Raso (2013, p. 27), Mello (2014, p. 54).

<sup>7</sup> Sobre a perspectiva da Linguística Textual-Interativa, ver Jubran (2015).

<sup>8</sup> Raso (2014, p. 417, tradução nossa).

<sup>9</sup> Ver, entre outros, Raso (2013, p. 28).

<sup>10</sup> Nos diversos modelos teóricos, a análise sentencial é baseada em uma relação de sujeito-predicado; o predicado é comumente realizado por meio de um núcleo verbal. Assim, *grossa modo*, a sentença é vista como uma projeção máxima de categorias funcionais de um verbo – ver, entre outros (em estudos de Gramática Gerativa), Chomsky (1995). No entanto, em projetos entrados em corpora de fala espontânea, como o *C-Oral-Brasil* (e o *C-Oral-Angola*), a ‘sentença’, embora seja contada, tem

Rocha e Raso (2013, p. 43) explicitam acerca das “quebras prosódicas” – “unidades tonais” – que permitem que um dado enunciado seja detectado:

A divisão do continuum da fala em enunciados é feita com base em quebras prosódicas (variações prosódicas perceptíveis a qualquer falante competente de uma língua): quebras de perfil terminal [...] assinalam fronteiras de enunciado, enquanto quebras de perfil não terminal estabelecem as unidades internas do enunciado [...].

Observe os exemplos<sup>11</sup>:

- (1)
- \*FLA: *cê num quer comprar um trenzinho que espirra pro seu banheiro não//*<sup>12</sup>  
*Você não quer comprar uma coisinha que espirra para o seu banheiro//*
- \*REN: *trenzinho que espirra//*  
*Uma coisa pequenininha que espirra//*
- \*FLA: *é/ aquele que a gente tem no nosso//*  
*sim/aquela coisa que a gente tem no nosso//*
- \*REN: *ah// cês usam //*  
*ah// vocês usam (isso)*

Por meio da fala transcrita em (1) – que pertence ao *C-Oral-Brasil* –, percebe-se que, em termos de sua organização prosódica, os enunciados podem ser do tipo simples ou compostos. Ratifica-se que: “Eles são simples quando são realizados por uma única unidade prosódica e compostos quando mais de uma unidade prosódica são ligadas por sequências não terminais” – Moneglia e Raso (2014, p. 473, tradução nossa).

As ‘quebras prosódicas’, ‘unidades tonais’ (UTs), são representadas nas transcrições das falas em (1) pelos símbolos:

- (i) [/] (quebra de perfil prosódico ‘não terminal’);  
 (ii) [//] (quebra de perfil prosódico ‘terminal’).

Assim, na primeira fala de \*FLA em (1) – *cê num quer comprar um trenzinho que espirra pro seu banheiro não//* – e na primeira fala de \*REN em (1) – *trenzinho que*

frequência baixíssima. Logo, “... não pode ser considerada quantitativamente significante para definir um fenômeno de fala típico.”- Mello (2014, p. 54, tradução nossa).

<sup>11</sup> Raso (2014, p. 414; dado (1)). Por simplificação omitiu-se a sigla referente aos metadados. A abreviatura que segue o símbolo (\*) marca o nome do falante. A tradução livre, em itálico, que está em inglês no original, foi versada para o português. Todos os dados de Raso (2014) apresentados neste trabalho seguem este formato de apresentação.

<sup>12</sup> Nos *C-oral*, como no *C-oral-Brasil* e *C-oral-Angola* (em preparação), busca-se, na transcrição, critérios primordialmente ortográficos (a fim de que se facilite a ‘leitura’ do corpus). No entanto, não se marca a pontuação nas transcrições de fala, pois a pontuação pertence a critérios da ‘diamesia escrita’. Corroborar-se, portanto, de acordo com a L-AcT, que a escrita não seja uma representação da fala (logo, não se assume a hipótese do ‘continuum fala-escrita’ em trabalhos dos *C-Oral*). Na apresentação dos corpora dos *C-oral*, prevê-se que a transcrição possa ser ‘checada’ por um áudio em que se pode captar a ‘prosódia’ do enunciado, como, por exemplo se ele é do tipo assertivo, exclamativo, etc. Neste trabalho, por questões de simplificação, áudios das transcrições não são apresentados. Assim, por exemplo, nessa primeira fala de \*FLA, expressa-se um ‘ato de fala’ do tipo interrogativo. Na primeira fala de \*REN, um ‘ato de fala’ do tipo interrogativo/exclamativo.

*espirra//*, exemplificam-se enunciados simples em que o símbolo [//] indica a ocorrência de uma única UT e do tipo ‘terminal’. Diferentemente, na segunda fala de \*FLA em (1) – *é/ aquele que a gente tem no nosso//* – exemplifica-se um enunciado composto, realizado por duas UTs: uma de ocorrência ‘não terminal’ que é marcada pelo símbolo [/] e outra de ocorrência ‘terminal’, marcada pelo símbolo [//]. Na segunda fala de \*REN em (1) – *ah// cês usam //* – são atestadas dois enunciados simples. Os símbolos [//] indicam a ocorrência de duas UTs de tipo ‘terminal’ que são: (i) *ah//* e (ii) *cês usam//*.

A segmentação prosódica de um texto é realizada durante sua transcrição já que tanto a tarefa de transcrever quanto a de segmentar a fala em UTs é de natureza perceptual – para detalhes sobre os procedimentos adotados na anotação e validação da segmentação em UTs, ver Mello (2014, p. 52-57), Mello et al (2012, p. 148-149), entre outros.

Como se atesta em Mello et al. (2012, p. 129), pelo fato do sistema de segmentação estar baseado em critérios perceptuais, pesquisadores do *C-Oral-Brasil* realizam um processo rigoroso de validação que se dá através do método de testes e *feedback*. Assim, por meio de ‘acordo inter-juízes’, é medido o quanto o grupo está em concordância quanto à anotação das fronteiras prosódicas através da estatística Kappa – Cohen (1960), Fleiss (1971)<sup>13</sup>.

É importante ressaltar ainda que cada quebra prosódica (ou seja, cada UT) veicula uma unidade informacional, ou seja, uma unidade pragmática como ‘comentário’, ‘tópico’ e outras. Raso et al (2007, p. 150) apresentam exemplos de enunciados pelos quais chamam a atenção para o seguinte fato: um mesmo conteúdo locutivo, como por exemplo *João me ligou ontem*, poder ser executado de maneiras diferentes; com padrões entonacionais distintos apontando para estruturas informacionais específicas: (i) um enunciado simples com comentário (COM) que é a unidade informacional obrigatória em qualquer enunciado – como no exemplo (2); (ii) um enunciado composto com estrutura tópico (TOP)/comentário (COM) como no exemplo (3)), (iii) um enunciado composto com estrutura comentário (COM)-apêndice de comentário (APC) como no exemplo (4) – Raso et al (2007, p. 150)<sup>14</sup>:

(2) João me ligou ontem//=COM=

Como apontado pelos autores (op cit):

[...] o enunciado [...] é executado em uma única unidade tonal, correspondente, portanto, a uma unidade informacional de comentário, necessária e suficiente para veicular a força ilocucionária. Um possível contexto em que essa execução seria apropriada é o seguinte:

<sup>13</sup> De acordo com Fonseca, Silva & Silva (2007, p. 81): “Sempre que é preciso classificar um conjunto de dados num dado número de categorias, vários tipos de enviesamentos podem ocorrer. Com vista à sua minimização é frequente o recurso a mais do que um juiz para categorizar os mesmos dados, analisando-se posteriormente o seu grau de acordo e conseqüentemente a fiabilidade da classificação. Entre os vários índices de acordo inter-juízes mencionados na literatura, o coeficiente kappa (Cohen, 1960) é referido como o mais frequentemente utilizado quando as variáveis em estudo são nominais”.

<sup>14</sup> Dados (1), (2) e (3), renumerados. As autoras deste trabalho inseriram os nomes das unidades informacionais, ensanduichados entre os símbolos [= ], após a representação da UT sob enfoque. Para tal, seguem o modelo do *C-Oral-Rom* e *C-Oral-Brasil* sobre como marcar unidades informacionais na transcrição de uma fala.



A: Recebeu alguma notícia dos amigos que estão na praia?  
 B: João me ligou ontem.

(3). João /='TOP= me ligou ontem//='COM=

Como apontado pelos autores (op. cit.):

[...] o enunciado [...] seria executado através de duas unidades tonais, uma de tópico e uma de comentário. Um possível contexto em que essa execução seria apropriada é o seguinte:

A: Você tem notícias do João?  
 B: João / me ligou ontem.

(4) JOÃO /='COM= me ligou ontem//='APC=

Como apontado pelos autores (op. cit.):

Aqui as maiúsculas em JOÃO tentam imitar a proeminência entonacional. Aqui também temos duas unidades entonacionais e, portanto, duas unidades informacionais; mas, contrariamente ao exemplo 3<sup>15</sup>, aqui a primeira unidade é uma unidade de comentário e a segunda, uma unidade de apêndice. Um possível contexto em que essa execução seria apropriada é o seguinte:

A: Quem te ligou ontem?  
 B: João / me ligou ontem.

Neste trabalho, na descrição e análise de marcadores discursivos, insere-se a etiqueta de unidade de informação apenas na unidade tonal que se pretende focar no exemplo, como COM, TOP e APC em unidades de informação em (2), (3) e (4) acima – ver nota 14. Em Moneglia e Raso (2014, p. 478-491), apresentam-se as principais unidades de informação (21 ao todo) etiquetadas dentro da L-AcT. No entanto, para os fins deste trabalho, chama-se a atenção para as unidades informacionais do tipo ‘dialógicas’, apontadas por Moneglia e Raso (2014, p. 486; 490) e detalhadas em Raso (2014).

## 2.2 A L-AcT e uma Nova Abordagem nos Estudos de Marcadores Discursivos

Para a L-Act, os MDs são unidades informacionais do tipo ‘dialógicas’, denominadas de ‘unidades dialógicas’ (UDs)<sup>16</sup>. No entanto, seguindo Raso (2014), as UDs são referidas neste trabalho como ‘Marcadores Discursivos’ por ser o nome mais conhecido na literatura em referência a essas unidades.

Como mencionado no início da subseção 2.1, não há concordância acerca das funções ou números de MDs e não há concordância especialmente em como identificá-los em trabalhos não centrados na L-AcT. No entanto, em Raso (2014), essas duas questões básicas são focalizadas; o autor (op. cit.) ratifica trabalhos prévios e argumenta que, embora os MDs não participem do conteúdo proposicional do enunciado, a L-AcT fornece condições de se predizer a ocorrência de um item lexical

<sup>15</sup> No original, a numeração do exemplo é (2).

<sup>16</sup> Ver Moneglia e Raso (2014, p. 486-490).

como MD através de restrições prosódicas. Essas restrições permitem também a predição da função específica que um dado MD transmite – Raso (2014, p. 412). Raso (2014) apresenta dois traços prosódicos importantes de MDs:

1. Essas unidades dialógicas são sempre separadas do resto do enunciado por uma perceptível quebra prosódica ‘não terminal’ independentemente da posição que o MD ocupe dentro da enunciação. “Isto significa que MDs estão sempre hospedados em uma unidade tonal exclusiva e que eles são sempre precedidos e seguidos por uma quebra prosódica” – Raso (2014, p. 415, tradução nossa).
2. MDs são alojados dentro de uma unidade tonal que não implementa por si só uma ilocução (um tipo específico de ‘ato de fala’); a ilocução realiza-se por meio de outra unidade tonal da enunciação em que o MD se insere. Assim MDs não são pragmaticamente e prosodicamente interpretáveis em isolado – Raso (2014, p. 414-416).

A seguir, exemplificam-se os traços prosódicos apontados acima por meio da categoria gramatical denominada de ‘interjeição’. Por definição, a ‘interjeição’ é um item não composicionalmente semântico nem sintático. No entanto, segundo Raso (2014, p. 413), a categoria ‘interjeição’ pode atestar duas funções comunicativas distintas: (i) a ‘interjeição’ pode ser um ato ilocucionário: “Quando ela (a interjeição)<sup>17</sup> é uma ilocução, ela transmite uma função comunicativa por si mesma”<sup>18</sup>; (ii) a ‘interjeição’ pode ser um MD. Raso (op. cit.) exemplifica a questão por meio da ‘interjeição’ *ab* que é atestada nos exemplos abaixo – Raso (2014, p. 414-415)<sup>19</sup>:

- (5)\* REN: **ah**//=COM= *cês usam* // =COM=  
*ab* // *vocês usam (isso)* //
- (6)\* REN: **ah**//=EXP= *mas esse é ruim* // =COM=  
*ab* // *mas esse é ruim* //

Em muitos casos, como em (5), *ab* seria analisado como um MD. No entanto, *ab* em (5) é pragmaticamente interpretado em isolado; logo, trata-se de um ato ‘ilocucionário’ autônomo e não pode, portanto, ser analisado como um MD. Observe que *ab* (5) realiza-se como um enunciado simples em que o símbolo [//] indica um ato ilocucional que se realiza por meio de uma única UT do tipo ‘terminal’ – ver Raso (2014, p. 414). Essa UT tem função ‘comentário’ (COM): uma unidade prosódica que é o núcleo de uma enunciação por ter plena força ilocucionária – para detalhes sobre COM, ver Raso e Moneglia (2014, p. 473-478). A outra unidade tonal em (5) – *cês usam* // – também é do tipo ‘terminal’ com função informacional ‘comentário’.

Diferentemente, *ab* em (6) é um MD: não é pragmaticamente interpretável em isolado; aloja-se em uma UT exclusiva ‘não terminal’, precedido e seguido por quebras prosódicas; essa UT insere-se em uma enunciação composta por duas UTs:

<sup>17</sup> A inserção da palavra ‘interjeição’ é das autoras.

<sup>18</sup> Raso (2014, p. 413, tradução nossa).

<sup>19</sup> Raso (2014, p. 414-415); dados (1) e (4) renumerados; apenas uma parte do dado (1) foi apresentada. Nas transcrições das falas, o negrito é das autoras que também inseriram o nome das unidades informacionais após as unidades tonais sob enfoque. Para detalhes sobre a apresentação dos dados neste trabalho, ver notas (11) e (14).

*ab/ e mas esse é ruim//*. Assim, a primeira UT da sequência em (6) é um MD; a segunda é um ‘comentário’.

Como mencionado, as restrições prosódicas de um dado item lexical permitem não apenas identificá-lo como um MD – como *ab* (6) – mas ainda classificar esse MD conforme sua função dentro do enunciado. Observe o excerto abaixo – Raso (2012, p. 110-111)<sup>20</sup> – em que se definem seis funções de MDs de acordo com a L-AcT – ver, ainda: Moneglia e Raso (2014, p. 490) e Raso (2014, p. 419-438):

As características das unidades dialógicas são as seguintes: i. o **fático** (PHA) sinaliza a simples abertura ou manutenção do canal através de um perfil prosódico sem movimento, com baixa duração e intensidade e, frequentemente, a escassa realização fonética do conteúdo locutivo [...]; ii. O **incipitário** (INP) sinaliza o começo do turno ou do enunciado, marcando um contraste (de natureza afetiva, não lógica) com o enunciado anterior, tem perfil ascendente-descendente com alta variação de F<sub>0</sub>, curta duração e alta intensidade [...]; iii. O **conativo** (CNT) possui a função de induzir o interlocutor a cumprir uma ação ou a desistir dela, com perfil descendente, duração curta e intensidade alta [...]; iv. O **alocutivo** (ALL) serve para individualizar o interlocutor e principalmente para marcar a coesão social [...]; v. o **expressivo** (EXP) funciona como um suporte emotivo para o ato, também marcando a coesão social, com perfis entonacionais variados [...]; vi. O **conector discursivo** (DCT) sinaliza que a sequência informacional está em continuidade com a anterior, com perfil prosódico nivelado ou modulado, intensidade alta e duração longa.

Retomemos, portanto, ao MD *ab* (6). Seguindo Raso (2012, p. 111), é possível classificar *ab* (6) como um MD ‘Expressivo’ (EXP) pois essa unidade dialógica “[...] funciona como um suporte emotivo para o ato, também marcando a coesão social.” Segundo Raso (2014, p. 422-423), MDs ‘Expressivos’ como *ab* (6) apresentam um perfil prosódico de duração e intensidade médias.

A seguir, observe o caso da categoria gramatical conhecida como ‘vocativo’. Segundo gramáticos como Bechara (2006, p. 460),

desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2<sup>a</sup>.p, pois por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos.

Apesar de gramáticos como Bechara (op. cit.) – e outros – apontarem para o aspecto prosódico de elementos vocativos, esses estudos centram-se em uma abordagem em que nem a prosódia nem a pragmática apresentam papel fundamental na análise. Em trabalhos linguísticos prévios abordando a temática MDs, e fora do escopo da L-AcT, ‘vocativos’ não estão inseridos no conjunto de classes de palavras que atuam como MDs<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> O negrito na citação é das autoras.

<sup>21</sup> Risso, Oliveira e Silva e Urbano (2015, p. 388-389) destacam como fonte gramatical dos MDs, verbos, advérbios, conjunções e ‘classes gramaticais diferentes’ – como expressões do tipo: “como vocês todos sabem”. No entanto, não atestam ‘vocativos’ como MDs.

Chama-se a atenção ainda para trabalhos centrados em abordagem fonológica autosegmental e métrica da entoação em que, até onde se saiba, também não se aborda a possibilidade da análise de ‘vocativos’ como MDs. Segundo Santos (2017, p. 62) – em um trabalho apresentado dentro desse modelo teórico – os vocativos em português

[...] podem transmitir pelo menos dois tipos de significados pragmáticos: o chamamento inicial (ou de saudação) e o chamamento de insistência (ou impaciente), este último produzido quando não se há resposta para o chamamento inicial (Frota et al., 2015a). Entoacionalmente, chamamentos em português europeu e brasileiro foram descritos, em uma abordagem fonológica autosegmental e métrica da entoação [...], apresentando duas melodias principais distintas: vocative chant (L+H\* !H%) e low call (L+H\* L%); no entanto, cada uma dessas variedades de português utiliza tais melodias, acompanhadas de combinações diferentes de alongamento silábico extra e variação da gama tonal, de forma distinta para expressar o mesmo significado pragmatic [...].

No entanto, de acordo com a L-AcT, certos elementos ‘vocativos’ podem ser classificados como ‘unidades dialógicas’. Observe os exemplos a seguir – Raso (2014, p. 425)<sup>22</sup>:

(7) \*FLA: **Rena** // =COM=

(8) \*FLA: Vai esse / =COM= né / =PHA= **Rena** // =ALL

*Nós pegamos este / certo / Rena / /*

O item *Rena* (7) é pragmaticamente interpretado em isolado; logo, trata-se de um ato ilocucionário autônomo e não pode, portanto, ser analisado como um MD. Observe que *Rena* (7) realiza-se como um enunciado simples em que o símbolo [//] indica a ocorrência de uma única UT e do tipo ‘terminal’. Trata-se de unidade informacional ‘Comentário’ (COM). Diferentemente, o item *Rena* (8) não é pragmaticamente interpretado em isolado, logo, não se trata de um ato ilocucionário. Observe que *Rena* (8) aloja-se em um enunciado composto e está inserido dentro de uma unidade tonal própria; é precedido e seguido por quebras prosódicas. Portanto, ao se atentar para suas características prosódicas, *Rena* (8) é um MD ‘Alocutivo’ (ALL) como se observa no dado apresentado por Raso (2014, p. 425).

‘Alocutivos’, como *Rena* (8), têm duas funções como se observa em Raso (2012, p. 110; 2014, p. 426): identificam o interlocutor e marcam coesão social. Raso (2014, p. 436-437) aponta o perfil prosódico de MDs ‘Alocutivos’ como *Rena* (8): têm perfil plano e mais usualmente perfil de queda; atestam curta duração, embora quando estão posicionados no fim do enunciado atestem uma duração mais longa. Há que se notar, no entanto, que, diferentemente de outros MDs, ‘Alocutivos’ não perdem seu valor lexical, pois eles são nomes próprios. Talvez esta seja a principal razão de vocativos não terem sido analisados como MDs em trabalhos fora do escopo da L-AcT.

<sup>22</sup> Raso (2014, p. 425); dados (15) e (16), renumerados; os negritos são das autoras. Para detalhes sobre os dados, ver notas (11) e (13).

Observe também na fala transcrita em (8), repetida e renumerada em (9), a presença de outro MD, expresso pelo item lexical *né*<sup>23</sup>:

(9) \*FLA: Vai esse /=COM= **né**/=PHA= Rena//=ALL  
*Nós pegamos este/ certo/Rena//*

A unidade dialógica *né* é analisada por Raso (2014, p. 425) como um MD ‘Fático’ (PHA). Como apontado no excerto acima – Raso (2012, p. 110), um MD ‘Fático’ sinaliza a abertura ou manutenção do canal através de um perfil prosódico sem movimento, com baixa duração e intensidade. Ainda, segundo Raso (2012, p. 110; 2014, p. 421), os MDs ‘Fáticos’ atestam, frequentemente, escassa realização fonética do conteúdo locutivo. Segundo Raso (2014, p. 421), o MD ‘Fático’ é o mais frequente dos MDs.

Neste trabalho, a ferramenta Praat é utilizada para a análise do perfil prosódico dos MDs no português falado no Libolo, que se apresenta na seção 4. O programa Praat foi desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink em 1992 – ver Boersma e Weenink (2009).

No entanto, antes de se introduzir a descrição e análise de MDs no PLB, discorre-se, a seguir, acerca das questões metodológicas do corpus da pesquisa.

### 3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Nesta seção apresentam-se aspectos metodológicos do estudo sobre ‘Marcadores Discursivos’ no português falado no Libolo. A análise de MDs do PLB foi baseada no que se denominou para esse estudo de *Corpus 1, 2 e 3*, que são parte do acervo do *Projeto Libolo* e resultado direto de trabalhos de campo em Angola nos últimos cinco anos. Os dados do *Corpus 1*, especificamente, integram um projeto de pesquisa de *corpora* orais para o estudo da fala espontânea chamado de *C-Oral-Angola* (em construção) – em parceria com pesquisadores do *C-Oral-Brasil*. A seguir apresentam-se informações resumidas sobre cada corpus. Os metadados e outras informações detalhadas encontram-se no Anexo.

O primeiro corpus é um corpus de fala informal espontânea, de contexto público e de tipologia interacional ‘monólogo’<sup>24</sup> em que foi gravada a fala espontânea de um filho de ‘soba’. O sobado é definido como um conjunto de autoridades tradicionais angolanas que lideram alguns grupos étnicos como os *ambundos*. Para detalhes sobre os sobas, ver (entre outros) Souza (2018, p. 85-113). Na seção 4, enunciados apreendidos desse corpus são referidos como *Corpus 1*.

A transcrição do monólogo *O filho do soba – Corpus 1* – gravado na aldeia da Quissaquina, atesta a segmentação em unidades tonais. Observe a transcrição de um dos enunciados desse texto falado:

<sup>23</sup> O negrito no MD ‘né’ é inserção das autoras.

<sup>24</sup> No *Projeto Libolo* em sua segunda fase, a construção de corpus da fala do português do Libolo orienta-se em conformidade com o *C-Oral-Brasil* que leva em consideração a ‘linguística diassistêmica’ como apresentado na subseção (1.2.). O *Corpus 1* é a primeira transcrição de um texto oral que se faz no âmbito do *C-Oral-Angola* (ver subseção (1.2.)).

- (10) \*AL: // é tempo de guerra ainda mesmo / sítio as velha / te guardo kabucado<sup>25</sup> de sal no bolso pa ir te meter sítio que ele te guardou / tás a ver //  
*Ainda é tempo de guerra/ no 'sítio as velha' (nome dado ao lugar onde pessoas eram ou são aprisionadas)/ eu te guardo um pouquinho de sal no bolso para ir meter no lugar onde te aprisionaram/ estás a ver //*<sup>26</sup>

O segundo corpus é um corpus de fala informal ‘semiespontâneo’<sup>27</sup>, de contexto público e de tipologia ‘diálogo’ em que foi gravada a conversa de dois jovens em uma suposta discussão. Na seção 4, enunciados apreendidos desse corpus são referidos como *Corpus 2*. A transcrição do diálogo *Discussão de casal*, gravado em Calulo, atesta a segmentação em unidades tonais como se observa no enunciado abaixo:

- (11) \*AL: E a Julinha acha que o postício / vale a pena comprar postício de que dar de comer às crianças //  
*E a Julinha acha que o postício<sup>28</sup>/ vale a pena comprar postício de que dar de comer às crianças //*

Um terceiro tipo de material, formado por um ‘conjunto de enunciados coletados em campo’ também integra o corpus deste trabalho. Na seção 4, a seguir, eles são inseridos a fim de se comprovar a argumentação acerca de elementos descritos como MDs. Esses dados são parte de pesquisas de campo de Márcia Oliveira e de Carlos Figueiredo – e fazem parte ainda do acervo do *Projeto Libolo*. Essas coletas específicas resultam: (i) de observação direta de ‘atos de fala’ no Libolo; (ii) da técnica conhecida como ‘elicitação formal’<sup>29</sup>. Na seção 4, enunciados apreendidos desse corpus são referidos como *Corpus 3*.

O *Corpus 1* e o *Corpus 2* foram gravados no município do Libolo, Angola, em 2016 e são parte do acervo do *Projeto Libolo*. Os dados do *Corpus 3* foram coletados em trabalhos de campo individuais no Libolo e em Luanda nos anos de 2016, 2017 e 2018 por Márcia Oliveira e Carlos Figueiredo (como mencionado acima).

<sup>25</sup> *Kabucado*, ‘bocadinho’. *Ka-* é o prefixo de diminutivo no quimbundo e é realizado em várias palavras do português falado no Libolo.

<sup>26</sup> Agradecemos a João A. A. Pereira pela tradução livre desse enunciado em (10).

<sup>27</sup> Nos metadados desse *Corpus 2* no Anexo, explicita-se o que se chama de fala ‘semiespontânea’.

<sup>28</sup> Em Angola, chama-se *postício* (também pronunciado como ‘postição’) o aplique de cabelo. É muito comum ouvir-se a referência à ‘cabelo brasileiro’ já que as mulheres angolanas, em grande maioria, privilegiam ‘cabelos naturais’ importados do Brasil.

<sup>29</sup> A técnica de ‘elicitação formal’ consiste em ‘provocar’, em campo, a realização de algum(s) dado(s) a fim de que este(s) possa(m) ser ou não comprovado(s) pelo auxiliar linguístico. Para Bower (2010, p. 314; tradução nossa): “[...] o trabalho de campo é qualquer tipo de coleta de dados linguísticos em que o linguista usa informações de um conjunto de falantes interagindo uns com os outros em seu ambiente habitual”.

#### 4 PARA UMA DESCRIÇÃO E ANÁLISE INICIAIS DE MARCADORES DISCURSIVOS NO PLB

Como apresentado nas subseções 2.1 e 2.2, uma teoria direcionada à análise da fala que leva em conta a identificação da composição de enunciados por meio de unidades prosódicas, unidades tonais, e de unidades informacionais pode auxiliar a melhor identificar e analisar as unidades dialógicas, mais citadas na literatura como ‘Marcadores Discursivos’. Em Raso (2014), a descrição e análise de MDs é explicitada por meio da L-AcT e esse estudo é tomado como base para a descrição e análise iniciais de MDs na subvariedade português falado no Libolo (pertencente à variedade português falado em Angola) que se apresenta nesta seção.

Quanto à identificação das UTs apresentadas nos enunciados desta seção – que são demonstradas pelos símbolos [/] e [//] – é importante mencionar que as quebras prosódicas não podem ser identificadas por pausas (embora muitas UTs atestem pausa) nem ainda por critérios como a variação de F0 e a queda/ascendência de F0 no final da fronteira. Para algumas UTs como as que veiculam MDs, é possível atestar um certo padrão prosódico, mas nem mesmo estes podem ser ditos ‘cruciais’ para se delimitar uma UT. Assim, chamamos a atenção para o fato de que a segmentação das quebras prosódicas está baseada em critérios de percepção acústica dos transcritores e por isso é importante que haja sempre mais de um transcritor envolvido na tarefa. Como já mencionado na subseção 2.1, pesquisadores do *C-Oral-Brasil* realizam um processo rigoroso de validação dessa percepção por meio de ‘acordo inter-juízes’; é medido o quanto o grupo está em concordância quanto à anotação das fronteiras prosódicas através da estatística Kappa. Isto se deu com o *Corpus 1* (que integra parte dos corpora do C-Oral-Angola em parceria com o C-Oral-Brasil) em que a maioria de nossas análises de MDs nesta seção está centrada. Sobre detalhamentos acerca do teste Kappa no *C-Oral-Brasil*, ver Mello (2014, p. 56-57), entre outros.

Ainda quanto à identificação de UTs, um dos critérios que têm auxiliado nesta tarefa é atentar para uma análise preliminar pragmática do segmento em questão, pois cada UT veicula uma unidade informacional, ou seja, uma unidade pragmática como ‘comentário’, ‘tópico’, unidade dialógica (MD) e outras. Como também apresentado na seção 2, pesquisadores da L-AcT atestaram 21 unidades pragmáticas – ver Moneglia e Raso (2014, p. 478-491).

A seguir são descritos e analisados os seguintes MDs no PLB: *tás a ver*, *eh pah*, *ya* e *Júlia*. Esses MDs são identificados por meio de UTs marcadas pelos símbolos [/] e [//]; seguem-se a esses símbolos dois outros: [=] que ‘ensanduicham’ o nome do tipo de MD nos dados abaixo.

##### 4.1 A Unidade Dialógica *Tás a Ver*

O conteúdo locutivo *tás a ver* é muito recorrente na fala do PLB (e no português angolano em geral). No entanto, *tás a ver* e outros conteúdos locutivos só podem ser propriamente descritos e analisados como pertencentes a uma dada unidade informacional (textual, dialógica, de lista ou outra) se forem levados em conta parâmetros prosódicos e pragmáticos na descrição e análise.

Em (10), renumerado abaixo em (12) e seguido da Figura 2, atesta-se essa expressão que se situa em um enunciado composto por quatro outras UTs:

- (12) FAL: é tempo de guerra ainda mesmo / sítio as velha / te guardo kabucado de sal no bolso pa ir te meter sítio que ele te guardou / **tás a ver** // =CNT=  
*Ainda é tempo de guerra/ no 'sítio as velha' / eu te guardo um pouquinho de sal no bolso para ir meter no lugar onde te aprisionaram/ estás a ver //*  
 (Corpus 1)



Figura 2: Imagem Praat da sentença (12)

*Tás a ver* (12) é uma unidade prosódica localizada na posição final de uma locução do tipo ‘diretivo-discurso relatado’<sup>30</sup>. A expressão *tás a ver* está inserida em UT – observar a linha vermelha marcando a UT em questão – que é precedida e seguida por quebras prosódicas e que não pode ser pragmaticamente interpretada em isolado. Logo, *tás a ver* não pode ser analisada como um ato ilocucionário. O perfil prosódico/pragmático de *tás a ver* (12) permite que esta expressão seja apontada como um MD com função ‘Conativa’ (CNT).

Em Raso (2014, p. 428), verifica-se que um MD ‘Conativo’ atesta a função de induzir o interlocutor a algo e é bem frequente em ilocuições diretivas (embora possa aparecer em diferentes tipos de ilocução). Como mencionado acima, *tás a ver* (12) insere-se em uma ilocução do tipo ‘diretiva’ – ver nota (30). Segundo Raso (2014, p. 428), MDs do tipo ‘Conativo’ atestam um perfil prosódico descendente, de duração curta e de intensidade alta (esse MD pode ter duração maior caso esteja posicionado ao final). Na Figura 2, observa-se que *tás a ver* (12) apresenta: um perfil de queda com duração aproximada de 1,29 e intensidade de 59,17 dC. Note a imagem isolada da UT em questão na Figura 3:

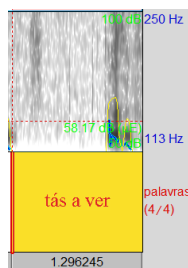


Figura 3: Imagem Praat da UT *Tas a ver*, retirada da sentença (12) acima

<sup>30</sup> Em Moneglia e Raso (2014: 477-478), apontam-se os tipos ilocucionários atestados até então por estudiosos da L-AcT. Esses tipos de ilocução se inserem em cinco classes maiores: representativo, diretivo, expressivo, rito e recusa



Importante notar que, em Raso (2014, p. 428-429), apresenta-se o conteúdo locutivo ‘tá vendo’ como um exemplar de MD ‘Conativo’ no português falado no Brasil (PB). *Tás a ver* (um conteúdo locutivo do português falado no Libolo/Angola) atesta características prosódicas e funcionais muito próximas de *tá vendo* (PB).

A fim de se ratificar a análise de *tás a ver* (12) como um MD, chama-se a atenção para o conjunto enunciativo a seguir em (13), que corresponde a um par dialógico ‘pergunta-resposta do tipo sim-não’<sup>31</sup>. Na primeira ilocução em (13) – de tipo ‘diretivo-pergunta total’ –, atesta-se o conteúdo locutivo *tás a ver* que é analisado como parte da sequência da unidade informacional ‘comentário’ (COM):

- (13) \*MA: Julinha/ **tás a ver** aquelas rosas de porcelana<sup>32</sup>//=COM=  
*Julinha/ você está vendo aquelas rosas de porcelana/ /*  
 \*JU: sim/ minha tia<sup>33</sup>//  
(Corpus 3)

Em (13), \*JU também poderia responder à pergunta feita por \*MA utilizando o conteúdo locutivo *ya*:

\*JU: *ya/ minha tia/ /*

Sobre o conteúdo locutivo *ya*, veja detalhes na subseção (4.3). Atente que, diferentemente de (12), o conteúdo locutivo *tás a ver* (13) não está inserido em uma UT isolada. *Tás a ver* (13) é parte de uma sequência de itens lexicais composicionais que formam, juntos, uma UT cuja unidade informacional é chamada de ‘Comentário’<sup>34</sup>. Assim, essa expressão mantém seu valor léxico-semântico, fato este que não ocorre com o MD *tás a ver* em (12) – que, naquele contexto, perde seu valor lexical.

A seguir atesta-se o sintagma *tás a ver* inserido em outra ilocução. Embora tenha todas as características de um MD, esse sintagma aponta para uma função dialógica diferente da analisada em (12). Observe a enunciação em (14), seguida da Figura 4:

<sup>31</sup> Para um estudo sobre respostas afirmativas para perguntas polares no português falado no Libolo, ver Jorge (2018).

<sup>32</sup> Para imagens dessa flor belíssima, ver, entre outros:  
<https://prazerdeconhecer.wordpress.com/2016/10/30/rosas-de-porcelana>.

<sup>33</sup> Em Angola, e como se observa no Libolo, ‘tia/tio’ (ex. *tio Rui/tia Ká*) é uma ‘expressão de tratamento formal’ endereçada a uma pessoa que não pode ser tratada pelo seu nome próprio (de maneira informal). Equivale, *grosso modo*, ao ‘seu’ (*Seu João*) e ‘dona’ (*Dona Maria*) de formas de tratamento no português falado no Brasil.

<sup>34</sup> Neste trabalho, em dados pertencentes ao *Corpus 3* – ver subseção 3.1 –, não se apresenta uma análise prosódica, por meio da figura Praat, do conteúdo locutivo em destaque. Isso se dá pelo caráter da recolha desse tipo de corpus em que os pesquisadores transcreveram a fala espontânea sem possibilidade de tê-la gravado.

- (14) \*FAL: avô / quando foi lá / roçar caminho daqui até lá / **tás a ver**  
 // =EXP=  
 O avô / quando fui lá / en rocei o caminho daqui até lá / *estás a ver* /<sup>35</sup>  
 (Corpus 1)

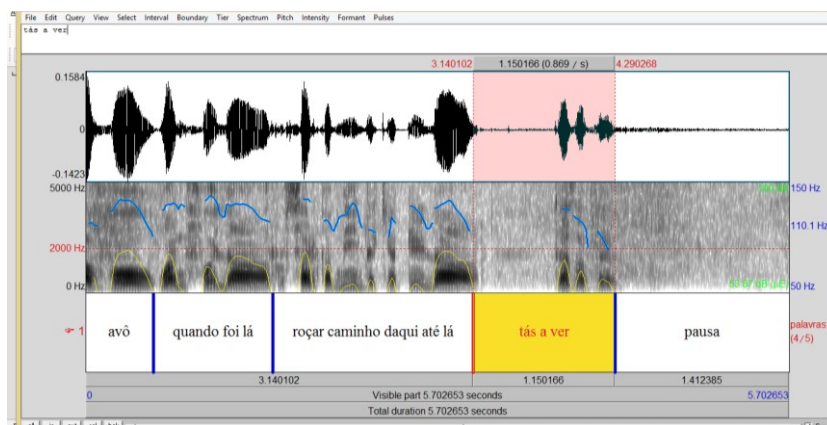


Figura 4: Imagem Praat da sentença (14)

Em (14), a expressão *tás a ver* não pode ser pragmaticamente interpretada em isolado; assim, esse sintagma não pode ser analisado como um ato ilocucionário. *Tás a ver* (14) aloja-se em uma enunciado que é composto por quatro UTs e está inserido dentro de uma UT própria, ao fim do enunciado em que se atesta uma pausa; a expressão é precedida e seguida por quebras prosódicas. Essas características já possibilitam apontar *tás a ver* (14) como um MD.

Em (14) *tás a ver* é analisado como um MD ‘Expressivo’. Segundo Raso (2014, p. 422), MDs do tipo ‘Expressivo’ são caracterizados como um suporte emocional para a ilocução, dividindo, desse modo, uma coesão social com o interlocutor. Em (14) essa coesão social, marcada por meio do MD *tás a ver*, é dividida com o ‘entrevistador’ do auxiliar linguístico \*FAL – no caso, Carlos Figueiredo (ver Anexo).

Ainda segundo Raso (op. cit.), MDs ‘Expressivos’ têm distribuição livre (embora a posição inicial seja uma posição predileta desses MDs). MDs ‘Expressivos’ dão suporte a vários tipos de ilocução; em (14) o MD *tás a ver* (14) oferece suporte a um tipo ilocucionário ‘representativo-narrativo’<sup>36</sup>.

MDs do tipo ‘Expressivo’ atestam perfis prosódicos variados (provavelmente devido a sua função de dar suporte a diferentes tipos ilocucionários) – Raso (2014, p. 422). No entanto, segundo o autor (op. cit.), esses MDs apresentam, muito preferencialmente, perfil modulado com duração e intensidade médias. O MD ‘Expressivo’ *tás a ver* (14) – como se observa na Figura 4 – apresenta perfil de duração de 1.15 e intensidade 53.87.

<sup>35</sup> Esse enunciado transcrito em (14) insere-se no seguinte contexto narrativo: “Quando fui ao local onde o meu avô vive, enquanto eu roçava uma pequena empreitada (área), **tás a ver**, o meu avô contou-me muitas histórias.” As autoras agradecem a João A. A. Pereira pelo auxílio com essa ‘versão livre’ do contexto do enunciado (14).

<sup>36</sup> Ver nota (30).

## 4.2 A Unidade Dialógica *Eh pa*

Abaixo atesta-se o conteúdo locutivo *eh pa*, inserido em outra ilocução do português falado no Libolo e seguido da Figura 5. Como *tás a ver* na ilocução (14), *eh pa* (15) é também analisado como um MD ‘Expressivo’ (EXP):

(15) \*FAL: **eh pa** /=EXP= vai já lavar prato / foste mbora //  
*eh pa/ vá então já lavar prato/ foste embora (vá então) //*<sup>37</sup>

(Corpus 1)

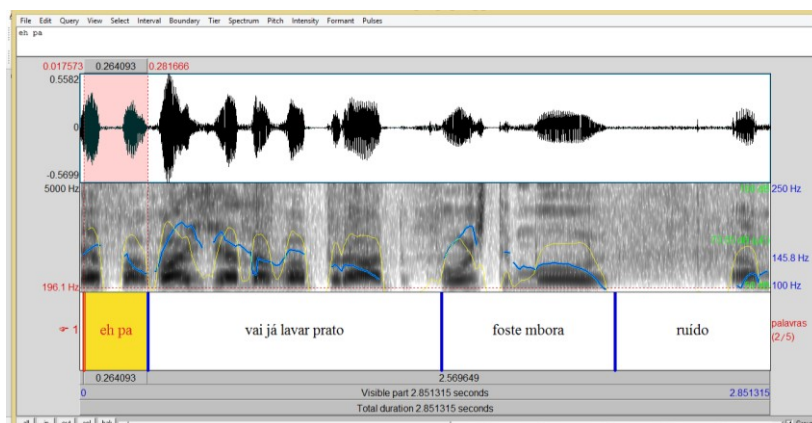


Figura 5: Imagem Praat da sentença (15)

A expressão *eh pa* (15) não pode ser pragmaticamente interpretada em isolado; logo não se trata de um ato ilocucionário. *Eh pa* (15) está situada em um enunciado composto por três UTs e inserida dentro de uma UT própria, no início do enunciado; a expressão é precedida e seguida por quebras prosódicas. Em (15), *eh pa* é analisada como um MD ‘Expressivo’ – a mesma análise atribuída a *tás a ver* (14).

Como apontado acima na análise do MD em (14), MDs ‘Expressivos’ atestam suporte emocional para a ilocução, dividindo, assim, uma coesão social com o interlocutor – Raso (2014, p. 422). Ainda, segundo Raso (op cit), MDs ‘Expressivos’ têm distribuição livre mas a posição inicial é a posição predileta desses MDs como se atesta com *eh pa* (15). Nessa posição inicial, um MD ‘Expressivo’ “[...] têm também a função de tomar o turno ou começar uma enunciação, sem apresentar contraste com uma enunciação prévia do interlocutor”<sup>38</sup>. Esse fato é o que se observa na fala transcrita acima: em (15), por meio de um diálogo relatado, o ‘narrador’ \*FAL atesta uma ilicitação em que seu avô toma seu turno e inicia um novo turno por meio do MD ‘Expressivo’ *eh pa* – ver nota (37). MDs ‘Expressivos’ dão suporte a vários tipos de ilocução; em (15), *eh pa* apoia uma ilocução do tipo ‘expressivo-encorajamento’<sup>39</sup>.

MDs do tipo ‘Expressivo’ atestam perfis variados como afirma Raso (2014, p. 422). O MD ‘Expressivo’ *eh pa* (15) – como se observa na Figura 5 – apresenta perfil de queda com duração curta em relação ao restante da sentença com intensidade de 73.55.

<sup>37</sup> O contexto dessa fala transcrita em (15) é apresentado no diálogo a seguir – as autoras agradecem a João A. A. Pereira pelo auxílio com essa ‘versão’:

– *Avô, estou indo tomar banho. Depois vou lavar pratos.*  
 – *Epa! vai então já lavar, filho.*

<sup>38</sup> Raso (2014, p. 422), tradução nossa.

<sup>39</sup> Ver nota (30)

### 4.3 A Unidade Dialógica *Ya*

Nesta subseção apresenta-se o conteúdo locutivo *ya* também bastante produzido na fala angolana, como se atesta na subvariedade português falado no Libolo.

O conteúdo locutivo *ya* é uma palavra do alemão em que é escrita como *ja*. *Ya* foi introduzido na África por meio da administração de colônias alemãs nesse continente como o Tanganica (atual Zanzibar) e o Sudoeste Africano Alemão (atual Namíbia).

Segundo Figueiredo (2016, p. 84), a chegada das primeiras famílias alemãs na região do município do Libolo (Kwanza Sul, Angola) aconteceu em 1921; para o autor (op cit), esse foi um fato decisivo para a ocupação e desenvolvimento da região, pois a comunidade alemã no Libolo deu grande impulso à indústria agropecuária da região.

Atente para o excerto a seguir, retirado de um ‘blog da língua alemã’<sup>40</sup>. Nesse trecho, explicita-se que

[...] existem três palavras em alemão que são frequentemente usadas como palavras de preenchimento na fala. Ou seja, eles são inseridos em uma frase sem alterar o significado da sentença, mas apenas o tom da voz, por assim dizer. Estas palavras são: ‘mal’, ‘ja’ e ‘doch’.”

Como se observa acima, a palavra *ja* (‘ya’) atestada em alemão é caracterizada como uma unidade dialógica, definida, ao lado de outras, como uma ‘palavra de preenchimento de fala’.

Assim, na ilocução (16), seguida da Figura 6, *ya* é apontado como uma unidade dialógica, ou seja, *ya* é descrito e analisado como um MD de função ‘Fática’ (PHA) no português falado do Libolo e que foi inserido nessa variedade, muito possivelmente, via contato linguístico com falantes de alemão em Angola (e no Libolo especificamente):

(16) \*FAL: já vais arranjar o kabanco<sup>41</sup> também pa você pausar muita conversa também velho / é assim <hhh><sup>42</sup> nũ sei quê / **ya** // =PHA=  
*Você vai já arranjar um assento pra gente manter muita conversa velho / é assim <bbb> não sei o quê / ya* // <sup>43</sup>

(Corpus 1)

<sup>40</sup> O excerto é traduzido do *German Language Blog*: <https://blogs.transparent.com/german/the-words-%E2%80%9Cmal%E2%80%9D-%E2%80%9Cja%E2%80%9D-and-%E2%80%9Cdoch%E2%80%9D-in-german-speech>.

<sup>41</sup> *Ka-* (diminutivo no quimbundo): *kabanco*, ‘banquinho’.

<sup>42</sup> Marcação de ruído paralinguístico de acordo com as normas de transcrição da fala do *C-Oral-Brasil* – ver Mello et al (2012).

<sup>43</sup> Agradecemos a João A. A. Pereira pela tradução livre desse enunciado.



Figura 6: Imagem Praat da sentença (16)

A seguir, apresenta-se a análise prosódico-pragmática referente a *ya* (16). O conteúdo locutivo *ya* (16) não pode ser pragmaticamente interpretado em isolado; logo não se trata de um ato ilocucionário. *Ya* (16) está situado em um enunciado composto por três unidades tonais e inserido dentro de uma UT própria, ao final do enunciado; essa expressão é precedida e seguida por quebras prosódicas. Em (16), *ya*, como já mencionado, é analisado como um MD ‘fático’.

Segundo Raso (2014, p. 421), MDs ‘fáticos’ são os mais frequentes porque eles têm a função de sinalizar que o canal de comunicação está aberto. Esse parece ser o caso de *ya* (16), inserido em uma ilocução do tipo ‘diretivo-sugestiva’<sup>44</sup>.

MDs do tipo ‘fático’ atestam perfil achatado ou de queda; têm duração bem curta e também uma intensidade muito baixa – Raso (2014, p. 421). Um exemplar desse MD no português falado no Brasil, oferecido por Raso (op cit), é o conteúdo locutivo *né*, que muitas das vezes tem uma realização fonética bem reduzida. O MD *ya* (16) – como se observa na Figura 5 – apresenta perfil de queda, como é possível observar no trecho destacado na figura, com duração de 0,242 e intensidade 67.36.

Importante ainda notar que o conteúdo locutivo *ya* é atestado também em Angola e no Libolo em ilocuições que formam um par dialógico ‘pergunta-resposta do tipo sim-não’. Abaixo, na ilocução da falante \*LA (de tipo ‘representativo-resposta’)<sup>45</sup>, atesta-se o conteúdo locutivo *ya*:

- (17) \*RU: Fizeste as tarefas//  
 \*LA: *ya*//=COM  
*sim*//

(Corpus 3)

Atente que, diferentemente de (16), o conteúdo locutivo *ya* (17) não está inserido em uma unidade tonal isolada em um conjunto de UTs. Diferentemente, *ya* (17) é o único item lexical a compor uma UT cuja unidade informacional é o ‘Comentário’ (COM)<sup>46</sup>. Assim, em (17), *ya* aponta para um valor léxico-semântico

<sup>44</sup> Ver nota (30).

<sup>45</sup> Ver nota (30).

<sup>46</sup> Ver nota (34).

‘sim’ (resposta a uma pergunta), fato este que não se dá com o MD *ya* em (16) – que, naquele contexto, tem o valor lexical esvanecido, apontando apenas para um valor amplo de asserção.

Segundo Carlos Figueiredo, em comunicação pessoal, pares dialógicos ‘pergunta-resposta do tipo sim-não’ cuja resposta se dá com *ya* (e não com *sim*) – como (17) – são cada vez mais atestados no português falado no Libolo. O pesquisador afirma que dados como (17) são bastante producentes entre indivíduos mais jovens do município. Reveja a resposta da pergunta (13) – *Corpus 3* – que pode ser respondida por *sim* ou por *ya*.

#### 4.4 A Unidade Dialógica *Júlia*

Como apontado na subseção 2.2, em trabalhos linguísticos prévios que abordam a temática ‘Marcadores Discursivos’, e fora do escopo da L-AcT, a categoria chamada ‘vocativos’ não foi contemplada no conjunto das classes de palavras que podem também atuar como MDs. No entanto, de acordo com a L-AcT, certos elementos ‘vocativos’ situados em unidades prosódicas específicas podem ser classificados como ‘unidades dialógicas’ que são chamadas de MDs ‘Alocutivos’.

A seguir, em (18), seguido pela Figura 7, atesta-se o conteúdo locutivo *Júlia*, analisado como um MD ‘Alocutivo’ (ALL):

- (18) \*AL: **Júlia**/=ALL= você deve perceber que nós tamos em tempo de crise  
*Júlia/ você deve perceber que nós estamos em tempo de crise//* (Corpus 2)



Figura 7: Imagem Praat da sentença (18)

Em (18) o conteúdo locutivo *Júlia* não é pragmaticamente interpretado em isolado. *Júlia* (18) aloja-se em um enunciado composto por duas UTs e está inserido dentro de uma unidade tonal própria no início da ilocução, precedido e seguido por quebras prosódicas. Portanto, ao se atentar para suas características prosódicas, *Júlia* (18) pode ser definido como um MD ‘Alocutivo’.

MDs ‘Alocutivos’ como *Júlia* (18) têm duas funções como se observam em Raso (2012, p. 110), (2014, p. 426), entre outros: identificam o interlocutor e marcam coesão social. O MD *Júlia* (18) marca a coesão social entre o falante \*AL com sua

interlocutora 'Júlia', logo atesta uma função muito próxima à função de MDs 'Expressivos' como *eh pa* (15). *Júlia* (18) é um MD inserido em uma ilocução do tipo 'expressiva-repreensão'. Atente-se para o fato que MDs 'Alocutivos' não perdem seu valor lexical, pois eles são nomes próprios.

Raso (2014, p. 436-437) aponta o perfil prosódico de MDs 'Alocutivos' que marcam coesão social como *Júlia* (18): têm perfil plano e mais usualmente perfil de queda como é possível observar no trecho destacado na Figura 7 acima; a UT *Júlia* apresenta duração de 0,36 e intensidade de 76.26. Entretanto, este tipo de MD, quando posicionados no fim do enunciado podem atestar uma duração mais longa.

Nos próximos exemplos, apresentam-se itens lexicais 'vocativos' no português falado no Libolo que, dadas as suas características prosódicas, não podem ser analisados como MDs no PLB. Os exemplos são de Santos (2017): um estudo inédito sobre 'vocativos' em uma variedade de português falado na África e inserido no modelo teórico da fonologia autosssegmental e métrica da entoação. O autor (op cit) objetivou explorar a prosódia de unidades lexicais 'vocativos' do PLB por meio de enunciados que atestam dois significados distintos de 'vocativos': (i) o chamamento inicial e (ii) o chamamento de insistência. No estudo, 'vocativos de chamamento' no PLB são cotejados com 'vocativos de chamamento' em variedades do português falado em Portugal e no Brasil.

A seguir, observe exemplos de dois 'vocativos' apreendidos por Santos (op cit) por meio de 'testes específicos' com auxiliares linguísticos no Libolo<sup>47</sup>:

- (19) CONTEXTO: Você quer que a Marina venha pra cozinha pra jantar.  
Chama ela.  
RESPOSTA: **Marina!** (*Chamamento inicial*)
- (20) CONTEXTO: Passaram dez segundos e ela ainda não veio. Volta a chamar ela.  
RESPOSTA: **Marina!!!** (*Chamamento de insistência*)

Os detalhes da análise prosódica desses dois 'chamamentos' podem ser vistos em Santos (2017). No entanto, o que se quer chamar a atenção quanto aos exemplos (19) e (20) é que, de acordo com a L-AcT, os dois tipos de vocativos do PLB apresentados no estudo de Santos (op cit) não podem mesmo ser analisados como MDs. Abaixo os 'vocativos' atestados em (19) e (20) são reapresentados, renumerados, de acordo com a L-AcT:

- (21) Marina//=COM= (*Chamamento inicial*)  
(22) Marina//=COM= (*Chamamento de insistência*)

Observe que os dois conteúdos locutivos *Marina* em (21) e (22) atestam um ato *ilocucionário* autônomo; são o único item lexical pertencente a uma única UT do tipo 'terminal' e que pragmaticamente aponta para uma única unidade informacional: 'Comentário' (COM) – observe que os conteúdos locutivos *Marina* em (21) e (22) são claramente interpretáveis em isolado, logo não se tratam de MDs 'Alocutivos'. Assim, o estudo de Santos (2017) sobre 'vocativos de chamamento' no PLB, ainda que indiretamente, une-se a esse estudo pois seus 'resultados' nos permitem afirmar que

<sup>47</sup> Santos (2017, p. 63); exemplos (1) e (2), renumerados. O negrito nos exemplos é inserção das autoras deste trabalho.

‘vocativos de chamamento’ não se inserem em enunciados como unidades dialógicas (MDs).<sup>48</sup> Como visto na seção 2.2 e nesta subseção, somente ‘vocativos’ que identificam o interlocutor ou que marcam coesão social (como exemplificado no PLB em (18)) podem ser analisados como MDs ‘Alocutivos’.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentaram-se uma descrição e análise iniciais de ‘Marcadores Discursivos’ apreendidos em enunciados do português falado no Libolo, uma subvariedade do português falado em Angola. Como apontado na seção 3, a análise de MDs do PLB foi baseada no que se denominou no estudo de *Corpus 1, 2 e 3*, que são parte do acervo do *Projeto Libolo* e resultado direto de trabalhos de campo em Angola nos últimos cinco anos. Especificamente, os dados do *Corpus 1* selecionados para a análise integram um projeto de pesquisa de corpora orais para o estudo da fala espontânea chamado de *C-Oral-Angola* (em construção) – em parceria com pesquisadores do *C-Oral-Brasil*.

Na investigação, orientada pela L-AcT, ratificou-se que o fluxo da fala só pode ser propriamente analisado se segmentado em enunciados através de parâmetros prosódicos que apontam para o reconhecimento de unidades informacionais (pragmáticas) específicas. Assim, uma análise de base prosódica-pragmática é crucial para a identificação de um dado conteúdo locutivo como MD. Por exemplo, em um dos conteúdos locutivos estudados, *tás a ver*, foi possível a descrição e análise de duas unidades informacionais distintas: (i) *tás a ver* como integrante de um conjunto de unidades locutivas pertencentes a uma ilocução específica: ‘Comentário’ (COM); (ii) *tás a ver* que, embora se insira em uma unidade prosódica em isolado, não recebe interpretação em isolado (dependendo de outra(s) unidades prosódicas para tal). Logo, nesse caso, *tás a ver* exemplifica um MD. No entanto, em dois enunciados distintos, verificou-se ainda que, dadas as suas características prosódicas, esse item locutivo apresenta duas funções diferentes: ‘Conativa’ (CNT) e ‘Expressiva’ (EXP). No estudo, a função ‘Expressiva’ foi também apontada para o conteúdo locutivo *eh pa*.

Neste trabalho atestou-se ainda a ocorrência de um MD introduzido no português falado em Angola via contato linguístico com falantes de alemão na África – no caso em específico, por falantes alemães organizados em colônias no Libolo. Trata-se do MD *ya*, com função ‘Fática’ (PHA), que também foi localizado em unidade prosódica que forma um enunciado do tipo ‘Comentário’.

Por fim, por meio da unidade locutiva *Júlia*, foi apontado um exemplar de MD com função ‘Alocutiva’ (ALL) – um ‘vocativo’ – no PLB. Essa análise foi centrada em estudos prosódicos-pragmáticos recentes – como Raso (2014) – que possibilitam descrever e analisar unidades ‘vocativas’ como MDs. Como observado, em estudos prévios sobre ‘vocativos’, fora do escopo da L-AcT, não se atesta essa ‘categoria’ como uma unidade dialógica.

<sup>48</sup> Seria interessante dizer que, nesse caso, a duração do vocativo é maior e o tipo de curva entoacional associada ao vocativo de chamamento é diferente da curva entoacional associada ao vocativo MD. No entanto, pensamos que esta seja uma afirmação que precisa ser melhor desenvolvida em trabalho futuro.



A partir desse estudo inicial, prevê-se a descrição e análise de outros MDs no PLB; prevê-se ainda a realização de cotejos entre esses MDs com outras línguas (e variedades de português) a exemplo do que se apresenta em Raso (2014).

## REFERÊNCIAS

- Austin JL. How to do things with words. Oxford: OUP; 1962.
- Bechara E. Moderna gramática portuguesa, 37ª ed., revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucena; 2006.
- Boersma P, Weenink D. Praat: doing phonetics by computer. 2009, 5ª ed. [citado 15 ago. 2018]. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat>.
- Bonvini E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In Fiorin JL, Petter MT, organizadores. África no Brasil: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto; 2008, p. 16-52.
- Bowern C. Fieldwork in contact situations. In: Hickey R, organizador. The Handbook of language contact. Oxford: Blackwell-Publishing; 2010. p. 340-357.
- Chomsky N. The Minimalist program. Current studies in linguistics. Cambridge, Massachusetts: MIT; 1995.
- Cohen, J. A Coefficient of agreement for nominal scales. Educational and psychological measurement. 1960;20:37-46.
- Cresti E. Corpus di italiano parlato. Firenze: Accademia della Crusca; 2000. 2 vol.
- Cresti E, Moneglia M. C-ORAL-ROM. Integrated reference corpora for spoken Romance languages. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 2005.
- Dias P. Arte da língua de Angola, oferecida a Virgem Senhora N do rosario, mãe, & senhora dos mesmos pretos. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade; 1697[2006].
- Ferreira RLL. Aspectos da estrutura de complementação no português do Libolo/Angola. [projeto]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; 2017-2018.
- Figueiredo CFG. Retratos do Libolo. In: Figueiredo CFG, Oliveira MSD, organizadores. Linguística, história, antropologia e ensino no Kwanza Sul, Angola. Vol. 2. Lisboa: Chiado; 2016.
- Figueiredo CFG. Aspectos histórico-culturais e sociolinguísticos do Libolo: aproximações com o Brasil. In: Oliveira MSD, Gabriel AA, organizadores. O português na África Atlântica. São Paulo: Humanitas/FAPESP; 2018. p. 47-100.
- Figueiredo CFG, Oliveira MSD. Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. PAPIA. 2013;23(3):105-85.
- Figueiredo CFG, Oliveira MSD. Linguística, história, antropologia e ensino no Kwanza-Sul, Angola. In: Figueiredo CFG, Oliveira MSD, organizadores. Projeto Libolo: município do Libolo, Kwanza-Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários. Lisboa: Chiado; 2016. Vol. 1.
- Fleiss JL. Measuring nominal scale agreement among many raters. Psychological bulletin. 1971;76(5):378-382.

- Fonseca RJRMD, Silva PJDSP, Silva RRD. Acordo inter-juízes: o caso do coeficiente kappa. *Laboratório de Psicologia*. 2007;5(1):81-90.
- Guthrie M. *The classification of the African languages*. London: Oxford University Press; 1948.
- Frota S, et al. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: Frota S, Prieto P, editores. *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press; 2015. p. 235-283.
- Jorge LTL. Respostas afirmativas para perguntas polares no PBL: um estudo em perspectiva gerativista. [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; 2018.
- Jubran CS. *A construção do texto falado. Gramática do português culto falado no Brasil, vol. 1*. São Paulo: Contexto; 2015.
- Lewis MP, Gary FS, Charles DF. *Ethnologue: languages of the world*. 18ª ed. Dallas, Texas: SIL; 2015. International. [citado 15 ago. 2018]. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>.
- Mello H. Methodological issues for spontaneous speech corpora compilation: the case of C-ORAL-BRASIL. In: Raso T, Mello H, editores. *Spoken corpora and linguistic studies. Studies in corpus linguistics, vol. 61*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 2014. p. 27-69.
- Mello M. Além do visível: poder, catolicismo e comércio no Congo e em Angola (séculos XVI e XVII). São Paulo: EDUSP; 2018.
- Mello H, Carvalho J, Côrtes P. Modalização na fala espontânea do português brasileiro: um primeiro mapeamento de índices morfolexicais. *Revista de Estudos Linguísticos*. 2010;18(2):105-133.
- Mello H, et al. Transcrição e segmentação prosódica do corpus C-ORAL-BRASIL: critérios de implementação e validação. In: Raso T, Mello H, editores. *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; 2012. p. 125-176.
- Moneglia M; Raso T. Notes on language into act theory. In: Raso T, Mello H, editores. *Spoken corpora and linguistic studies. Studies in Corpus Linguistics, vol. 61*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 2014. p. 468-495.
- Raso T. O C-ORAL-BRASIL e a teoria da língua em ato. In: Raso T, Mello, H. *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; 2012. p. 91-123.
- Raso T. Fala e escrita: meio, canal, consequências pragmáticas e linguísticas; 2013. *Domínios de Linguagem*. 2013;7(2):12-46. [citado 20 nov. 2018]. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/23730>.
- Raso T, Mello H. *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; 2012.
- Raso T, Mello H. *Spoken corpora and linguistic studies. Studies in corpus linguistics, vol. 61*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 2014.
- Raso T, Mello H. Introduction. In: Raso T, Mello H, editores. *Spoken corpora and linguistic studies. Studies in Corpus Linguistics, vol. 61*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 2014. p. 1-24.
- Raso T, et al. Uma aplicação da teoria da língua em ato ao português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*. 2007;15(2):147-166.

Raso T. Prosodic constraints for discourse markers. In: Raso T, Mello H, editores. Spoken corpora and linguistic studies. Studies in Corpus Linguistics, vol. 61. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 2014. p. 411-467.

Risso MS, Oliveira e Silva GM, Urbano H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: Jubran CS, organizadora. A construção do texto falado. Gramática do Português Culto Falado no Brasil, v. 1. São Paulo: Contexto; 2015. p. 371-390.

Rocha B, Raso T. O pronome lembrete e a teoria da língua em ato: uma análise baseada em corpora 1. Revista Veredas. 2013;17(2):39-59.

Rosa MC. Uma língua africana no Brasil colônia de seiscentos: o quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias, SJ. Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ; 2013.

Santos VG. A prosódica dos vocativos do português angolano do Libolo: primeira abordagem. In: Cleber A, Azevedo ICM, Fratog RMK, editores. Linguística e Literatura: teoria, análises e aplicações. Anais do GELNE 2017, Aracaju-SE. Recife-PE: Pipa Comunicações; 2017. p. 61-72.

FLP20(esp)

## ANEXO

Metadados do *Corpus 1* (Monólogo): *O filho do soba*

- Sigla do Auxiliar Linguístico: AC<sup>49</sup>
- Responsável pela recolha: Carlos Filipe Guimarães Figueiredo
- Data da gravação: 24/07/2016
- Local: Aldeia da Quissaquina; Comuna do Quissongo – Município do Libolo (Angola)
- Gravador: SANYO ICR-EH800D
- Transcritores: A transcrição foi realizada por alunos da turma da disciplina: *Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa II* (IELP II) – FFLCH/USP<sup>50</sup>; entre os transcritores está Giovana M. Andrade, uma das autoras deste trabalho.
- Chave de Transcrição: a chave para a transcrição do *corpus* segue Mello, Raso, Mittman, Vale e Córtes (2012). Logo, esse corpus é parte do *corpus mínimo do Libolo* (em construção) e diretamente ligado ao projeto *C-Oral-Angola* – ver subseção 1.2.
- Revisores da Transcrição: Etapa 1 – Márcia Oliveira e Maria de Lurdes Zanoli (USP e *Projeto Libolo*); Etapa 2 – grupo LEEL (UFMG), liderado por Tommaso Raso e Heliana Mello (*C-Oral-Brasil* e *C-Oral-Angola*); Etapa 3 – Carlos Figueiredo (UMAC e *Projeto Libolo*).

Outras Informações:

- i. A aldeia da Quissaquina foi reassentada semanas depois da recolha, pois, com a construção da Barragem da Lauca, a região ficou submersa. A aldeia situava-se na margem do rio Buigi, que estabelecia a fronteira entre o Município do Libolo e o Município do Mussende. Incompreensivelmente, a população da aldeia foi deslocada para o Município do Mussende com o qual não se identifica culturalmente nem linguisticamente.
- ii. Na Quissaquina, na data da recolha, a população falava a variedade *ngoia* do quimbundo (L1 da população) e o português L2.

Metadados do *Corpus 2* (Diálogo): *Discussão de Casa*<sup>51</sup> – *fala 'semi-espontânea'*<sup>52</sup>

- Sigla dos Auxiliares Linguísticos: JU e AL
- Responsáveis pela recolha: Márcia Santos Duarte de Oliveira e Vinícius Gonçalves dos Santos
- Data da gravação: 12/07/2016
- Local: Calulo, Município do Libolo (Angola)<sup>53</sup>
- Gravador: gravador digital MARANTZ, modelo PMD661
- Transcritores: Grande parte da transcrição foi realizada por Rodrigo Luiz Ferreira (GELIC/USP).<sup>54</sup> No entanto, Márcia Oliveira (USP e *Projeto Libolo*) e Carlos Figueiredo (UMAC e *Projeto Libolo*) também participaram do processo.
- Chave de Transcrição: a chave para a transcrição do corpus segue – no tocante à marcação de unidades tonais – Mello, Raso, Mittman, Vale e Córtes (2012). Importante notar que, à época do início dos trabalhos com essa transcrição, o *C-Oral-Angola* ainda não havia sido instaurado.
- Revisores da Transcrição: Etapa 1 – Márcia Oliveira (USP e *Projeto Libolo*); Etapa 2 – Carlos Figueiredo (UMAC e *Projeto Libolo*).

<sup>49</sup> A sigla em lugar do nome visa a salvaguardar a privacidade do Auxiliar Linguístico (AL) em causa.

<sup>50</sup> A turma referida teve como professora Márcia S. D. de Oliveira.

<sup>51</sup> Neste trabalho, opta-se por verificar MDs no *Corpus 2* por se tratar de um 'diálogo' em que se atesta a presença de muitos 'vocativos'.

<sup>52</sup> Chama-se este corpus de 'fala semiespontânea' por ter sido gravado durante atividade proposta aos auxiliares linguístico JU e AL de que interagissem um com outro como um casal, expressando uma possível briga de casal. JU e AL foram quem propuseram o tema, pois afirmaram que brigas sobre 'compras' é muito comum entre casais no Libolo.

<sup>53</sup> Calulo é a cidade-sede do Município do Libolo. A gravação do diálogo se deu durante atividades de trabalho com auxiliares linguísticos do *Projeto Libolo*.

<sup>54</sup> Rodrigo L. Ferreira transcreveu grande parte do diálogo como atividade ligada a seu projeto de Iniciação Científica – Ferreira (manuscrito).